

## Prática e ensino em Educação Musical: reflexões sobre o ensino atrelado à extensão universitária e seu processo avaliativo

Natália Búrigo Severino  
UFSCar  
[nataliabseverino@gmail.com](mailto:nataliabseverino@gmail.com)

Rômulo Ferreira Dias  
UFSCar  
[romulo.fidas2009@gmail.com](mailto:romulo.fidas2009@gmail.com)

**Resumo:** Em uma universidade federal, uma das disciplinas da área de Educação Musical, que tem por objetivo aprimorar a vivência musical dos alunos através da participação em agrupamentos musicais, divide a sua carga horária em aulas em sala de aula, e participação na extensão universitária, em uma orquestra comunitária. Este artigo traz um relato da vivência desta disciplina, contextualizando sua dinâmica em sala, sua inserção na extensão e apresenta como alternativa para a avaliação da participação dos alunos, o portfólio. O portfólio é um registro das atividades realizadas na disciplina, onde os alunos devem refletir sobre o que foi aprendido. Esperamos, com este artigo, gerar discussões sobre a necessidade de se pensar em formas alternativas de avaliação, nos cursos de licenciatura em Música.

**Palavras chave:** Ensino superior, Extensão, Portfólio como avaliação

### Introdução

Este artigo tem por objetivo compartilhar a vivência em uma disciplina de educação musical de uma universidade pública do estado de São Paulo. Esta disciplina é oferecida, em caráter obrigatório, para alunos do segundo semestre do curso de Licenciatura em Música desta universidade.

Ela faz parte de um conjunto de disciplinas da área de educação musical, mas optamos por fazer este recorte, para discutir duas questões principais: a participação dos alunos e professora desta disciplina em um projeto de extensão da universidade, e a avaliação final da disciplina.

Esperamos, com isso, gerar reflexões sobre a necessidade de se (re)pensar as disciplinas nos cursos de graduação, não como uma atividade isolada, mas sim como uma oportunidade de os alunos aprenderem e ao mesmo tempo vivenciarem estes aprendizados. E, conseqüentemente, se repensamos diferentes formas de condução das disciplinas, não é possível não pensar a avaliação de forma também diferenciada, por isso apresentamos, como caminho para avaliar os alunos desta disciplina o portfólio.

## A disciplina

A disciplina Educação Musical: Prática e Ensino 2 é oferecida, obrigatoriamente, para alunos do primeiro ano do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Assim como em Educação Musical: Prática e Ensino 1, ela é vinculada à um projeto de extensão da universidade. A disciplina possui 6 créditos, sendo 2 em sala de aula, e 4 na extensão.

De acordo com o projeto político pedagógico do curso, o objetivo desta disciplina é:

Desenvolver no aluno um rol de habilidades criativas, expressivas, comunicativas, interpretativas e reflexivas, orientadas para sua formação musical e para sua formação enquanto futuro educador; por meio da participação em agrupamentos instrumentais” (Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Música da UFSCar, 2007, p. 59)

Consta na ementa:

Prática instrumental em grupo musical; contato com as situações de prática pedagógica em processos de formação de orquestras amadoras e comunitárias; observação participante em diferentes grupos de ensino coletivo de música para crianças, jovens e adultos, e em orquestras; estudo dos processos de aprendizagem coletiva de música no que diz respeito aos aspectos práticos do ensino-aprendizagem; e contato com o entorno da sala de aula ou de ensaio de grupos musicais, bem como com as situações de apresentações públicas. Essa disciplina visa a criar situações de contato diferenciado do aluno com situações futuras de ensino-aprendizagem de música (Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Música da UFSCar, 2007, p. 59)

## Dinâmica em aula

Por se tratar de uma disciplina oferecida para alunos do primeiro ano do curso de graduação em Música, há muitas questões externas à disciplina que emergem ao longo do semestre: a escolha de uma profissão, a mudança para uma cidade do interior, o confronto com a sua musicalidade, as expectativas profissionais, etc. Por isso, um dos objetivos é apresentar o campo da educação e da educação musical, e incentivar os alunos a realizarem práticas musicais em grupo, para que eles possam conhecer a área de atuação do educador musical, sem perder de vista a importância do desenvolvimento da própria musicalidade.

Nesse sentido, a disciplina se inicia partindo da prática musical que os alunos da graduação já trazem de sua experiência anterior à universidade. Assim, são propostas atividades de exploração sonora e pequenas composições musicais realizadas inicialmente sem instrumento (apenas utilizando a voz e o corpo) e logo depois com instrumentos. Os alunos são convidados a pensarem no gesto sonoro, nas texturas, características e significados do som que estão produzindo.

Em um segundo momento, as atividades são voltadas para o campo da educação: o que é educação? Como se ensina? Como se aprende? Como se torna educador? São algumas das questões que são colocadas para que os alunos possam chegar na discussão: quais os saberes necessários para a docência em música?

Assim, em um terceiro momento, é feita uma ponte entre os conhecimentos musicais e os conhecimentos sobre o campo da educação e os alunos são estimulados a pensarem na atuação educativo-musical em diferentes espaços (aulas particulares de instrumentos, grupos comunitários, apresentações profissionais, etc).

Embora a disciplina seja essencialmente prática, ela é sempre aprofundada com um texto de referência para que os alunos possam compreender as atividades que foram realizadas em aula.

### **Inserção na extensão**

A Orquestra Experimental da UFSCar é um projeto de extensão da universidade que este ano comemora 25 anos. Foi criada 10 anos antes do curso de Licenciatura em Música.

Ela é uma orquestra comunitária que agrega diversos tipos de pessoas de classes sociais, de faixas etárias, de religião e de orientação sexual; alunos do curso de licenciatura em música, alunos de outras graduações; pessoas da cidade e cidades vizinhas; músicos amadores e músicos profissionais. Atualmente a orquestra compõe-se com cerca de 100 músicos.

A Orquestra Experimental da UFSCar caracteriza-se por ser uma orquestra aberta para comunidade, composta, grande parte, de músicos amadores que estão interessados em fazer música e por ser um ato voluntário, essa inserção valoriza as relações sociais do ambiente, presente pelo amor às pessoas e à música.

Os alunos da disciplina Educação Musical: Prática e Ensino 2 são inseridos na Orquestra Experimental UFSCar desde o primeiro semestre da graduação. A

participação na orquestra tem o objetivo de proporcionar aos alunos uma prática coletiva instrumental, que, para muitos, é uma experiência inédita. Além do contato com a proposta humanizadora<sup>1</sup> orquestra e as relações sociais, como a priorização do bem-estar dos integrantes, o zelo com o respeito e a integração social, os alunos exercitam práticas musicais de repertório popular brasileiro somado à um caráter erudito, como leitura de partitura musical, interpretação de regência e os termos técnicos do meio.

Por ser uma orquestra experimental, os alunos podem participar da orquestra com seu instrumento de origem ou podem optar por aprender um instrumento novo. Até mesmo os alunos que se dispõem do uso da voz como instrumento são integrados como instrumentistas. Isso significa, que, dentre os alunos da graduação, participantes desta disciplina, há tanto pessoas já experientes no seu instrumento, quanto pessoas que estão iniciando um novo instrumento naquele momento.

Pensando na formação do futuro educador musical, esta é uma das primeiras aprendizagens que se tem: como conduzir um grupo com tanta diversidade? Como é estar no meio de músicos profissionais e iniciantes? O que é preciso saber, enquanto ser humano, e enquanto músico e futuro educador musical, para conviver com essa diversidade?

### **Processo avaliativo**

Por se tratar de uma disciplina muito ampla (com atividades em sala de aula e atividades em projeto de extensão), a avaliação, da forma tradicional como a conhecemos, como prova escrita, nos parece não fazer sentido, por isso a composição da nota final dos alunos foi feita da seguinte forma: a) a partir da realização das tarefas - cada semana os alunos devem entregar em aula uma atividade prática-musical ou um fichamento referente à algum texto de estudo. Essas atividades fazem parte da aula, e/ou complementam a aula anterior; b) participação na Orquestra - os alunos são avaliados em sua participação na orquestra: comprometimento, assiduidade nos ensaios e concertos, envolvimento com o grupo, rendimento musical; e c) portfólio - o substitutivo da prova escrita, tem o objetivo de registrar a participação do aluno pela disciplina, e é nosso foco de reflexão neste artigo.

---

<sup>1</sup> O ensino de música dentro da perspectiva da educação humanizadora de Paulo Freire, é aquele que é dialógico, que respeita os alunos e valoriza seu saber de experiência feito.

Os portfólios realizados pelos alunos para disciplina substituem o sistema de avaliações através de provas bimestrais e semestral. O portfólio é a junção de fichamentos de textos e filmes realizados nas tarefas, para discussão em aula, com os relatos das aulas do semestre. A formatação do portfólio é dada por quatro partes: a primeira a capa, a segunda parte os fichamentos solicitados pela professora, tanto de textos que abordam os temas das aulas quanto de filmes. Na terceira parte, os relatos das aulas: a cada encontro realizado, os alunos devem relatar os conteúdos apresentados em sala de aula, como por exemplo, descrever os conteúdos teóricos e as atividades realizadas, e fazer uma breve análise sobre isso: o que eu aprendi? Como eu relaciono a prática com o texto de estudo? Quais foram as minhas dificuldades? A parte final se refere à auto avaliação, com o intuito de se fazer uma reflexão sobre o processo de aprendizagem do semestre e a absorção dos conteúdos, tanto no que se refere às atividades em aula, quanto à prática musical na Orquestra.

A composição da nota final do/a aluno/a se da, portanto da seguinte forma:  
Nota final:  $(N1 + N2 + N3 + N4)/4$

Sendo N1 as *Tarefas de casa* (5 atividades práticas musicais, e 5 fichamentos, onde a realização de cada tarefa vale 1 ponto, somando, portanto, 10 pontos); N2 os *Seminários* (onde os/as alunos/as devem apresentar um seminário de um livro completo da área de Educação e/ou Educação Musical. Os critérios são: compreensão do conteúdo, didática na apresentação do conteúdo, envolvimento do grupo, condução de atividades práticas a partir da leitura - vale de 0 a 10 pontos); N3 a *Participação na Orquestra UFSCar* (onde há uma nota de 0 a 10 para a participação nos ensaios e concertos da Orquestra. Para compor a nota são utilizados os critérios: participação (frequência) e qualidade da participação (ajuda na montagem e desmontagem, envolvimento e performance). A participação vale 6 pontos, e a qualidade da participação vale 4, somando 10 pontos).

Por fim N4 trata-se do *Portfólio*, registro da participação do aluno na disciplina. Os critérios são: entrega dentro do prazo (0-1), apresentação de todos os elementos pedidos (0-2), fichamentos (0-2), relato das aulas (0-2), relato da participação na orquestra (0-1), auto avaliação (0-1), escrita fluente e normas da ABNT (0-1); totalizando 10 pontos.

## Tecendo reflexões

Com o advento da Lei 11.769/2008, que recentemente foi substituída pela lei 13.278 de 2 de maio de 2016, que dispôs sobre a obrigatoriedade do ensino de Música dentro do componente curricular na educação básica<sup>2</sup>, muitos educadores musicais passaram a propor formas de trabalho que contemplem o lado mais subjetivo da Música, tais como o desenvolvimento de habilidade motoras, da sensibilidade, da concentração, da capacidade de análise, da crítica, da autonomia, da autoestima e do respeito ao próximo.

Essa subjetividade já havia sido proposta entre os séculos XIX e XX, para se contrapor ao ensino tradicional de Música, pelos educadores dos chamados Métodos Ativos. Esses métodos sugeriam que o conhecimento teórico partisse da vivência (e não o contrário, como no ensino tradicional), reforçando a participação do aluno, privilegiando o ser integral, o sentir e o pensar do indivíduo.

Assim, é impossível não se questionar: se os cursos de licenciatura em música perpassam as metodologias dos métodos ativos (entre outras) que apresentam alternativas de ensino de música para além dos métodos tradicionais, não faz sentido não apresentar também formas alternativas, e igualmente eficientes de avaliação.

Menezes (2010), em sua pesquisa de doutorado, apresenta dois estudos realizados com egressos dos cursos de licenciatura em Música. Estas duas pesquisas apontam que “apesar de serem licenciados e dos inúmeros estudos e materiais produzidos e divulgados sobre avaliação da aprendizagem, predomina uma visão tradicional de avaliação, ou seja, baseada em práticas classificatórias e de mensuração” (MENEZES, 2010, p. 25).

Isso pode significar que, embora os alunos estejam tendo contato com diferentes metodologias, além dos conhecimentos gerados pela Didática, Pedagogia e Psicologia, eles são avaliados sempre da mesma forma, justificando a reprodução dessa concepção tradicional de avaliação após finalizarem o curso de licenciatura em Música.

Sem dúvidas, há muitas concepções de avaliação, e o mesmo acontece com as concepções de avaliação em Música. De acordo com Menezes (2010), no âmbito internacional essas definições são amplamente discutidas há muitos anos. Já no Brasil, a primeira publicação brasileira na área de educação musical dedicada ao

---

<sup>2</sup> A nova lei de 2016 vem incluir na Lei de Diretrizes e Bases de 1996, que além da Música, também as Artes Visuais, a Dança e o Teatro são componentes curriculares obrigatórios.

tema da avaliação foi o livro “Avaliações em Música: reflexões e práticas” organizado por Liane Hentschke e Jussamara Souza, publicado em 2003. A falta de critérios claros e sólidos é apontada pela autora, como o centro das discussões e o principal desafio.

De acordo com Benigna Villas Boas, que realizou uma pesquisa no curso de Pedagogia da UNICAMP, “a avaliação tem sido um saber marginalizado na formação de professores” ((VILLAS BOAS, 2005, p. 293). Para ela, “o uso do portfólio pode ser uma forma de colocá-la em debate justamente em um dos espaços a ela destinados, o da formação de professores” ((VILLAS BOAS, 2005, p. 293).

Nesse mesmo sentido, Hydt *apud* Menezes (2010, p. 15) defende que “a avaliação deve ser concebida como um instrumento capaz de acompanhar o desenvolvimento do aluno, fazendo com que ele tome conhecimento dos seus avanços e aprendizagens”.

Sobre esse processo contínuo de avaliação (através de tarefas e registros semanais), que culminariam no portfólio a ser apresentado no final da disciplina, o aluno L.T. compartilhou:

*“Ao realizar os trabalhos semanalmente, pude chegar ao fim do semestre sem aquela sensação de que ‘as provas estão chegando’, pois grande parte da minha nota já havia sido encaminhada por conta dos relatos, fichamentos, seminários e outras formas de avaliação estarem sendo cumpridas gradualmente” (L.T, portfólio, 2016)*

Para Villas Boas, adotar o portfólio como forma de avaliação:

requer mudança de concepção da avaliação: o professor deixa de ser o “examinador” e o aluno, o “examinado”. Atua-se em parceria, sem com isso se perder o rigor e a seriedade que a atividade impõe. Pelo contrário, a avaliação torna-se mais exigente porque passa a ser, também, transparente. Isso não significa retirar a responsabilidade do professor para transferi-la ao professor-aluno, mas possibilitar a este vivenciar o processo que ele possa desenvolver com seus alunos, de modo que sejam superados os problemas que tanto temos combatido (VILLAS BOAS, 2005, p.293).

Ainda de acordo com a autora, o portfólio

não é uma avaliação classificatória nem punitiva. Analisa-se o progresso do aluno. Valorizam-se todas as suas produções: analisam-se as últimas comparando-as com as primeiras, de modo que se perceba o avanço obtido. Isso requer que a construção do portfólio se baseie em propósitos de cuja formulação o aluno participe, para que se desenvolva o sentido de “pertencimento” (VILLAS BOAS, 2005, p. 295)



Avaliar através do portfólio, além de ser uma forma alternativa de avaliar a apreensão dos conteúdos da disciplina, ainda contribui para que o aluno internalize estes conteúdos, uma vez que ele é convidado a refletir sobre o que foi vivenciado. Ao desenvolver suas próprias reflexões sobre a disciplina para gerar o portfólio, o aluno se aproxima da atuação de um educador pois os registros das aulas bem como seus objetivos e desdobramentos se assemelham com a elaboração e avaliação de um plano de aula, e, inclusive, o portfólio pode ser utilizado para este fim, na ocasião em que o aluno tiver a oportunidade de atuar como docente.

## Considerações finais

Para Madalena Freire “não é todo educador que tem apropriado seus desejos, seu fazer, seu pensamento na construção consciente de sua prática e teoria” (FREIRE, 2008, p. 58). Por isso ela se questiona:

Como despertá-lo deste sonho alienado, reproduzidor mecânico de modismos pedagógicos? Como formá-los para que sejam atores e autores conscientes de seu destino pedagógico e político? Como exigir que já estejam prontos para determinada prática pedagógica se nunca, ou muito pouco, exercitaram o seu pensar reflexivo e a socialização de suas ideias? (FREIRE, 2008, p. 58)

Segundo a autora, o registro da reflexão prática é um instrumento indispensável na construção de um sujeito criador, autor de si próprio, porque o obriga a pensar. Ao se distanciar do ocorrido para registrá-lo, é possível fazer uma revisão do que foi feito, vivenciado e aprendido, avaliando a prática, sinalizando para o estudo, indicando adequações para ações futuras:

O registro permite a sistematização de um estudo feito ou de uma situação de aprendizagem vivida. O registro é História, memória individual e coletiva eternizadas na palavra grafada. É o meio capaz de tornar o educador consciente de sua prática de ensino, tanto quanto do compromisso político que a reveste (FREIRE, 2008, p. 59).

Ainda de acordo com Madalena Freire, durante o processo de formação de professores, é de extrema importância o desenvolvimento do registro. Para ela, os cursos de formação de professores (como por exemplo os cursos de licenciatura) deveriam se estruturar de forma a propiciar esse exercício em dois momentos:



através da escrita sobre a aula, no mesmo ato da aula, e depois, já distanciada dela (FREIRE, 2008, p. 59):

No primeiro momento o exercício de observação e escuta subsidiam o registro apontando para os dados mais relevantes e significativos. [...] O registro posterior, longe do espaço/tempo em que ocorreu a ação, caracteriza um outro e distinto movimento reflexivo. É nesse momento que os dados coletados podem ser interpretados lançando luzes à novas hipóteses e encaminhamentos, tanto no que diz respeito às ações de ensino, quanto no que aponta para as necessidades de aprendizagem (FREIRE, 2008, P. 59-60).

A autora admite, certamente, que não é fácil refletir e escrever, mas que é um exercício necessário no processo de apropriação do conhecimento. Ainda assim, ela defende que o registro é também um instrumento indispensável para a formação de um profissional reflexivo.

Por isso acreditamos que, principalmente para uma disciplina essencialmente prática, integrada à um projeto de extensão que oportuniza aos alunos matriculados na disciplina uma vivência musical extremamente prática, que o portfólio não só pode ser utilizado como um recurso avaliativo, como também pode gerar no aluno um processo interno de amadurecimento dos conteúdos e experiências vivenciadas, bem como a reflexão e a memória dos mesmos, transformando-os em sujeitos ativos da construção do seu próprio conhecimento.

## Referências

ANDRADE, Margaret Amaral de; WEICHSELBAUM, Anete Susana; ARAÚJO, Rosane Cardoso. Critérios de avaliação em Música: um estudo com licenciandos. *R.cient./FAP*, Curitiba, v.3, p.53-67 , jan./dez. 2008.

FREIRE, Madalena. *Educador: Educa a dor*. Editora Paz e Terra. 2008

HENTSCHKE, Liane; SOUZA, Jusamara (Orgs.). Avaliação em Música: reflexões e práticas. São Paulo, Editora Moderna. 2003.

JOLY, Ilza Zenker Leme; SEVERINO, Natália Búrigo. *Processos educativos e práticas sociais em música: um olhar para educação humanizadora* - pesquisas em educação musica. Curitiba, Editora CRV, 2016.

JOLY, Maria Carolina Leme; JOLY, Ilza Zenker Leme. Práticas musicais coletivas: um olhar para a convivência em uma orquestra comunitária. *Revista da ABEM*, Londrina, V. 19, N.26, 2011.

MENEZES, Mara Pinheiro. *Avaliações em Música: um estudo sobre o relato das práticas avaliativas de uma amostra de professores de música em quatro contextos de ensino em Salvador - Bahia*. Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Música - área de concentração Educação Musical - Universidade Federal da Bahia, Escola de Música, 2010.

São Carlos (SP), Universidade Federal de São Carlos. *Projeto Pedagógico de Curso de Graduação: Licenciatura em Música com Habilitação em Educação Musical*. São Carlos, 2007.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. O portfólio no curso de pedagogia: ampliando o diálogo entre professor e aluno. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 90, p. 291-306, Jan./Abr. 2005